

O TEMPLO MAÇÔNICO COMO EXPRESSÃO DO HOMEM INTERIOR

Uma leitura simbólica e espiritual da Loja Maçônica

Ismael de Jesus Morales

Este trabalho não tem por finalidade estabelecer paralelos rígidos entre todos os Ritos maçônicos, nem analisar diferenças ritualísticas específicas. Alguns cargos aqui mencionados podem variar em nomenclatura, estrutura ou mesmo inexistir formalmente em determinados sistemas ritualísticos. Todavia, para além das formas exteriores, permanecem princípios simbólicos que parecem repetir-se em diferentes tradições iniciáticas. O objetivo desta reflexão, portanto, não é discutir o rito A, B ou C, mas investigar a dimensão simbólica e espiritual presente na estrutura do Templo e do próprio Ser Humano.

O Templo Maçônico sempre foi compreendido como um espaço de instrução, silêncio, ritual e aperfeiçoamento.

Entretanto, existe uma leitura mais profunda — presente em diversas tradições esotéricas, herméticas, cabalísticas e teosóficas — segundo a qual o Templo não representa apenas um edifício simbólico, mas o próprio ser humano.

Nessa perspectiva, o homem deixa de ser apenas alguém que entra no Templo para compreender que ele mesmo é o Templo.

Essa interpretação encontra eco em autores ligados ao simbolismo iniciático, especialmente em Manly P. Hall, C. W. Leadbeater, Arthur E. Powell, Geoffrey Hodson, bem como em tradições ligadas à Cabala e ao Hermetismo. Todos, de formas diferentes, tem abordado para a ideia de que o espaço ritualístico reflete estruturas invisíveis da consciência humana.

Na tradição teosófica e até mesmo entre os ocultistas, afirma-se que a Loja Maçônica simboliza um homem estendido de costas.

Nesta perspectiva, Venerável Mestre corresponde ao centro de consciência superior; o Primeiro Vigilante à força e à vontade espiritual; e o Segundo Vigilante à inteligência organizadora e harmonizadora. Assim, a Loja deixa de ser apenas um espaço cerimonial e passa a revelar uma verdadeira anatomia espiritual.

A Teosofia ensina que o ser humano é uma constituição sétupla, formada por diferentes níveis de manifestação: físico, emocional, mental e espiritual.

Essa estrutura parece refletir-se no próprio Templo, onde cada Oficial passa a representar funções internas da consciência.

O Venerável Mestre simboliza a luz interior, a consciência que ilumina e orienta. Na linguagem teosófica, pode ser associado ao princípio Buddhi — a sabedoria intuitiva. O Primeiro Vigilante representa Atma, a vontade espiritual, a força impulsionadora da vida.

Já o Segundo Vigilante representa Manas Superior, a inteligência criadora que organiza, compreende e harmoniza.

Os três formam uma tríade que não apenas governa a Loja, mas também simboliza a estrutura superior do homem: consciência, vontade e inteligência.

Essa ideia encontra profunda correspondência com o princípio hermético descrito no Caibalion: “O que está em cima é como o que está embaixo; o que está dentro é como o que está fora”. O Templo exterior torna-se, então, o reflexo do Templo interior.

Considerando agora os outros cargos, os Diáconos assumem papel extremamente significativo dentro dessa interpretação. Mais do que mensageiros ritualísticos, eles representam o fluxo das energias dentro do homem.

O Primeiro Diácono pode ser associado ao aspecto mental concreto e ativo; já o Segundo Diácono ao aspecto emocional e receptivo.

Nas tradições orientais, essas duas correntes - o fluxo das energias dentro do ser humano - são comparadas aos canais Ida e Pingala: uma energia ativa e solar; outra receptiva e lunar. Então, a movimentação ritualística dos Diáconos simboliza exatamente a circulação dessas forças dentro da consciência humana.

Entre essas duas correntes surge um eixo central de equilíbrio e ascensão. Dentro da estrutura da Loja, esse princípio pode ser compreendido através do Mestre de Cerimônias.

Externamente, o Mestre de Cerimônias, organiza os movimentos e conduz os trabalhos. Mas, simbolicamente, representa o eixo integrador da personalidade humana — a capacidade de ordenar as energias e direcionar a consciência.

Os Cobridores também assumem profundo significado nessa leitura. O Cobridor Externo representa o corpo físico e os sentidos voltados ao mundo material. Ele simboliza o contato com o ambiente externo e a necessidade de vigilância sobre aquilo que permitimos entrar em nossa consciência.

Nesse contexto, o Cobridor Interno representa o nível energético e emocional, onde os estímulos recebidos são transformados, interpretados e interiorizados. Assim, ambos revelam que o verdadeiro trabalho iniciático não consiste apenas em vigiar o mundo exterior, mas principalmente vigiar a si mesmo.

Outros cargos da Loja também refletem estruturas interiores: Orador, Secretário e o Tesoureiro.

O Secretário representa a memória, pois nada se perde, tudo é registrado. O Tesoureiro simboliza as energias acumuladas pelo homem ao longo da experiência; é o nosso capital invisível; e o Orador representa a consciência moral (isso do ponto de vista da personalidade humana), porém, esse cargo é a expressão da Lei – o Discernimento; é o princípio do justo e do perfeito que se manifesta na Loja, ou seja, ele não é apenas uma função, é a presença viva do equilíbrio e da retidão. E ainda é uma extensão da consciência do V.M., aquela voz silenciosa que sabe o que é correto.

Quanto aos rituais que executamos, sem entrar no mérito do rito A, B ou C, autores como Leadbeater e Powell afirmam ainda que os rituais produzem efeitos reais sobre a atmosfera psíquica e energética da Loja.

Estas energias estão presentes no Templo e não são abstratas como dizem alguns autores, mas podem ser acessadas, organizadas e direcionadas, pois se manifestam conforme a consciência e capacidade do obreiro.

Nesse contexto, o malhete deixa de ser apenas um símbolo de autoridade e passa a representar a vontade ativa que organiza, desperta e dirige forças sutis.

As batidas ritualísticas assumem, então, profundo significado. Elas não apenas iniciam os trabalhos externos, mas simbolizam o alinhamento do pensamento, da emoção e da ação.

Quando o malhete soa, não é apenas a Loja que se abre — é o próprio ser humano que começa a organizar suas forças interiores.

Essa leitura conduz a uma compreensão mais profunda da própria Maçonaria. O Ritual deixa de ser apenas representação simbólica para tornar-se um mecanismo de transformação interior.

Diante do exposto, o verdadeiro Templo não é construído apenas em pedra, ele é construído dentro do próprio homem. Cada Irmão é, simultaneamente, pedra, construtor e Templo. Ou seja, cada Irmão é pedra a ser lapidada, construtor da própria obra e o Templo onde essa obra se realiza.

Nosso templo não é feito de pedra, pois é uma metáfora, ele é edificado no próprio ser, isto é, dentro de nós, pois o templo de buscamos não está for, ele se ergue silenciosamente dentro de cada um de nós.

E, talvez, a verdadeira iniciação comece exatamente quando o homem percebe que a Luz que procura no exterior sempre esteve silenciosamente presente dentro dele. Pois as Três Grandes Luzes da Maçonaria revela a totalidade do acima exposto: o Esquadro representa a personalidade humana — o homem terreno, o quaternário inferior que precisa ser retificado e aperfeiçoado; o Compasso simboliza a individualidade superior — a consciência que busca elevar-se acima das limitações da matéria, e por fim, o Livro da Lei representa o princípio divino, a Lei Universal, a Verdade eterna sobre a qual toda construção iniciática deve repousar.

Assim, as Três Grandes Luzes não estão apenas sobre o altar, elas devem acender dentro de nós. E quando essas Luzes verdadeiramente se acendem, o maçom deixa de procurar o Templo, porque ele se torna o próprio Templo.

REFERÊNCIAS

BLAVATSKY, Helena P. A Doutrina Secreta; A Chave para a Teosofia.

EMILIÃO, Sergio. Os Cargos em Loja no Rito Adonhiramita.

HALL, Manly P. Anatomia Oculta (The Occult Anatomy of Man).

HODSON, Geoffrey. O Reino dos Deuses; A Sabedoria Oculta na Bíblia.

LEADBEATER, C. W. A Vida Oculta na Maçonaria.

MATT, Daniel C. A Essência da Cabala (The Essential Kabbalah).

POWELL, Arthur Edward. Magia da Franco-Maçonaria.

SCHOLEM, Gershom. As Grandes Correntes da Mística Judaica.

TRÊS INICIADOS. O Caibalion.

ZOHAR. O Livro do Esplendor.